



➔➔ **ÍNDICE**

Adriano Vizoni/Folhapress

LIVROS

- 6** Os contos completos e uma anatomia da obra adulta de Monteiro Lobato
- 11** "A Desumanização", romance do português Valter Hugo Mãe ambientado na Islândia
- 15** "Poesia Total" traz lãbia cosmológica do baiano Waly Salomão
- 17** Edição de "Alice", clássico de Lewis Carroll, tem ilustrações da japonesa Yayoi Kusama

DISCOS

- 24** Novo disco comemora 20 anos da banda pernambucana **Nação Zumbi**
- 29** O tríptico orquestral, inspirado no Brasil, do italiano Ottorino Respighi
- 30** O primeiro disco solo do compositor e bandolinista Ronen Altman

FILMES

- 32** "O Enigma de Kaspar Hauser", de Herzog, é fábula que coloca iluminismo em xeque
- 35** A narrativa labiríntica e refinada de "Providence", de Alain Resnais
- 36** Em "Juramento de Vingança", de Peckinpah, Guerra Civil Americana evoca Guerra do Vietnã

DISCOS

SELEÇÃO



Por Ramiro Zwetsch

**BANDA PERNAMBUCANA NAÇÃO ZUMBI COMPLETA
20 ANOS DE CARREIRA COM DISCO HOMÔNIMO
QUE REAFIRMA SEU JOGO BONITO E ORIGINAL**

A Nação Zumbi é a seleção do rock brasileiro. Seu surgimento, em 1994 (ano do tetra), chacoalhou o país com a mistura inventiva do manguê beat e um homem gol que há muito tempo não se via na nossa música. Quando Chico Science morreu, num acidente automobilístico, em 1997, cada integrante teve de se superar para compensar e continuar jogando bem com um homem a menos. O time perdeu o craque do drible desconcertante, mas ganhou em entrosamento e força de conjunto. A consagração veio em 2002 (ano do penta), com um disco homônimo

e golaços (músicas) inesquecíveis: “Blunt of Judah”, “Prato de Flores”...

Analogias futebolísticas no mês da Copa à parte, a banda pernambucana lança um novo disco (também homônimo) após uma pausa de sete anos sem material inédito. Durante esse período, os integrantes se dedicaram a outros projetos e foi inevitável especular sobre o fim da Nação Zumbi —que nunca ficou tanto tempo sem gravar nesses 20 anos de carreira. Rumor desfeito, a dúvida que pairava era se o hiato faria bem ou mal ao novo repertório.

Fez bem. A essência da banda continua



Adriano Vizoni/Folhapress

ali: rock que soa brasileiro (algo cada vez mais raro), boas letras e as referências recorrentes (de reggae, funk, hip-hop) usadas com originalidade. Ao mesmo tempo, uma saudável reinvenção se faz notar tanto no conteúdo lírico como na sonoridade –o que garante um equilíbrio entre o desafio de não se repetir e preservar uma personalidade artística construída ao longo de duas décadas.

O vocalista e letrista Jorge Du Peixe varia entre versos de um romantismo rasgado (“Defeito Perfeito”, “Nunca Te Vi”) e outros com a interpretação mais subjetiva (“A Melhor Hora da Praia”, com participação de Ma-

risa Monte nos vocais, e “Novas Auroras”).

Já a parte instrumental se sustenta, principalmente, na boa química entre guitarra (Lúcio Maia), baixo (Dengue) e bateria (Pupillo). Nesse disco, pela primeira vez, os percussionistas Gilmar Bola 8 e Toca Ogam não participam da composição de nenhuma música do repertório e isso inevitavelmente transparece no trabalho. Os tambores continuam marcantes, encorpando o baque grave do bumbo, mas eles já não soam como elementos indispensáveis aos arranjos. Outra novidade bem-vinda é o uso quase constante dos sintetizadores e teclados tocados pelos dois produtores do disco, Kassin e Berna Cepas, em nove das 11 faixas. Instrumentos como escaleta (em “Bala Perdida”), banjo (“Um Sonho”), sitar (“Novas Auroras”), vibrafone (“Foi de Amor”) também contribuem para uma notável expansão no som da banda.

Três músicas se destacam no repertório: “Cicatriz” foi divulgada por meio de clipe antes mesmo do lançamento do disco e tem uma estrutura pop com potencial radiofônico; “Um Sonho” é uma balada com ecos do rock psicodélico dos anos 1970 e versos que evocam um roteiro de ficção científica; “Foi de Amor” tem a marca registrada da Nação Zumbi, pesadíssima, com uma inspirada letra sobre o quão violento pode ser um amor e um diálogo intenso entre a melodia, o riff de guitarra, a linha de baixo e a levada da bateria.

Se há algo para se ressaltar, porém, é que nenhuma delas nem qualquer outra do disco parece ter potencial para se tornar um clássico indispensável nos shows da banda –nenhum gol de placa como “Da Lama ao Caos” (1994), “Manguetown” (1996), “Quando a Maré Encher” (1999) ou “Meu Maracatu Pesa uma Tonelada” (2002).

Não importa: a Nação Zumbi chega ao sétimo disco e aos 20 anos de carreira jogando bonito e isso basta para a torcida gritar olé. Se a seleção chegar ao sétimo jogo com a mesma qualidade...



NAÇÃO ZUMBI

ARTISTA Nação Zumbi

GRAVADORA slap/

Natura Musical

QUANTO R\$ 24,90

AValiação bom